

Formulando uma Sociologia Anarquista

Leitura de Piotr Kropotkin de Herbert Spencer

Matthew S. Adams

2016

Conteúdo

Introdução	4
Espectros de Comte: Filosofia Sintética	6
Teorizando a Evolução: Darwin, Lamarck, Weismann e Spencer	10
Política: Contratualismo e Anarquismo Individualista	14
Conclusão	19

O autor deseja agradecer a Iain Stewart e aos leitores anônimos do Journal por seus comentários perspicazes sobre as versões anteriores deste artigo. A pesquisa para este artigo foi possível graças ao financiamento do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas, por meio de seu programa de Bolsas de Pós-doutorado Banting.

Introdução

Em suas memórias, Piotr Kropotkin refletiu sobre os perigos ocasionais de pedir chá na Escócia. “Eu tinha aprendido inglês na Rússia”, ele escreveu:

E ... tinha traduzido ... os ‘**Princípios de Biologia**’ de Herbert Spencer. Mas eu tinha aprendido com os livros, e pronunciei-o muito mal, de modo que eu tive a maior dificuldade em fazer-me compreendido pela minha senhoria escocesa ... Eu me lembro ... protestando que não era uma xícara de chá que eu esperava na hora do chá, mas muitos copos. Eu estava com medo que minha senhoria me tomasse por um glutão, mas devo dizer ... que nem nos livros geológicos que eu tinha lido ou ... na **Biologia** de Spencer havia qualquer alusão a um assunto tão importante como beber chá¹.

Dado que Herbert Spencer às vezes insinuou aos convidados que sua companhia não era mais desejada por tapar os ouvidos no meio da conversa, talvez não seja nenhuma surpresa que **Princípios de Biologia** (1864, 1867) foi um guia pobre para sutilezas sociais². A característica saliente do comentário de Kropotkin sobre Spencer, no entanto, é bastante a sua indicação de sua exposição precoce às idéias do inglês. Como um escritor volumoso e algo de uma celebridade intelectual do século XIX, Spencer exerceu um papel crucial no desenvolvimento do pensamento social europeu neste período, um eclipsado por sua reputação posterior como o epítome da agitação vitoriana. A busca de Spencer por uma grande síntese teórica para descobrir as forças que governam a vida social, vendo o desenvolvimento social e individual em termos de leis de desenvolvimento naturais emprestadas das ciências biológicas, caiu em desfavor³. “Quem agora lê Spencer?” ponderou Talcott Parsons em sua influente obra **The Structure of Social Action** (1937). “Spencer está morto”, acrescentou, “à sua teoria social como uma estrutura total ... está morta”⁴.

Kropotkin leu Spencer, e dedicou mais espaço a ele em sua própria escrita do que a qualquer outro pensador social. Entre 1896 e 1904, por exemplo, Kropotkin contribuiu com uma série de sete artigos sobre Spencer para o jornal anarquista *Freedom*, que ele havia ajudado a estabelecer em 1886 no início de seu exílio na Grã-Bretanha⁵. Sua leitura de Spencer decisivamente moldou o desenvolvimento da própria teoria social de Kropotkin, mas seu tratamento das idéias de Spencer não era sem seus problemas. A tendência nesse estudo é entender a interpretação de Kropotkin de Spencer de três maneiras. Aqueles que desejam preservar a relevância política das idéias de Kropotkin tendem a minimizar a associação estranha com Spencer, ou se concentraram em pontos de divergência. Dado o status de Spencer como o reitor da ciência social mecanicista, a dívida de Kropotkin fica desajeitada com o estresse do anarquismo sobre a fluidez nãohierárquica como o *sine qua non* das relações sociais utópicas⁶. A segunda e mais

¹ Peter Kropotkin, **Memoirs of a Revolutionist** (London: Smith, Elder, and Co., 1899), 2:185.

² “Two”, **Home Life with Herbert Spencer** (Bristol: J.W. Arrowsmith, 1910), 30.

³ Embora seja importante notar que as metáforas orgânicas no pensamento social vitoriano provinham de mais fontes do que as ciências naturais, Spencer associou sua sociologia às ciências biológicas mais explicitamente do que a maioria. Ver J.W. Burrow, **Evolution and Society: A Study in Victorian Social Theory** (Cambridge: Cambridge University Press, 1966), 179–227, 262–65.

⁴ Talcott Parsons, **The Structure of Social Action: A Study in Social Theory** (New York, McGraw-Hill, 1937), 3, 3 n. 2.

⁵ Kropotkin, “Co-Operation: A Reply to Herbert Spencer [I],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (December 1896): 117–18; Kropotkin, “Co-Operation: A Reply to Herbert Spencer [II],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (January 1897): 1–2; Kropotkin, “Herbert Spencer [III],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (February 1904): 7–8; Kropotkin, “Herbert Spencer [IV],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (April–May 1904): 15; Kropotkin, “Herbert Spencer [V],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (June 1904): 23; Kropotkin, “Herbert Spencer [VI],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (August 1904): 31; Kropotkin, “Herbert Spencer [VII],” *Freedom: A Journal of Anarchist Communism* (September 1904): 35.

⁶ Brian Morris, **Kropotkin: The Politics of Community** (New York: Humanity Books), 134–35, 138, 157, 249–50; Graham Purchase, **Evolution and Revolution: An Introduction to the Life and Thought of Peter Kropotkin** (Petersham: Jura, 1996). Para o utopismo de Kropotkin, ver Ruth Kinna, “Anarchism and the Politics of Utopia,” in *Anarchism and Utopianism*, ed. Laurence Davis and Ruth Kinna (Manchester: Manchester University Press, 2009), 221–40.

comum posição é reconhecer a influência de Spencer, mas deixar a leitura de Kropotkin de seu trabalho inexplorado, muitas vezes apresentando o envolvimento de Kropotkin com Spencer como uma das críticas básicas ou parecer favorável, e geralmente focando na questão do darwinismo social⁷. A terceira posição sustenta que, porque Kropotkin se inspirou na epistemologia de Spencer, ele tendia a “subestimar a extensão das ... divergências” com outros aspectos do pensamento de Spencer, e oferecer uma avaliação otimista da compatibilidade essencial de suas filosofias sociais. Enfatizando as afinidades entre seu anarquismo e o liberalismo radical de Spencer, Kropotkin procurou injetar sua política com credibilidade adicional⁸.

O presente artigo amplia essas interpretações enfatizando a natureza multifacetada da leitura de Kropotkin do trabalho de Spencer, com foco em três áreas. Ele tirou muito do Spencer. Ele achou a base epistemológica do sistema de Spencer sedutor, e acreditava que, despojado de seus erros, seu grande projeto sintético foi um que realizou lições importantes para os anarquistas. Kropotkin também teorizou uma ontologia informada pela sociologia spenceriana: uma que via o fluxo como a característica definidora dos fenômenos e o equilíbrio como um produto temporário da tensão perpétua. Spencer, portanto, forneceu a Kropotkin o andaime intelectual para sua sociologia histórica, mas também informou a negociação de Kropotkin de debates específicos. Em segundo lugar, as tentativas de Kropotkin de libertar o “verdadeiro darwinismo” das garras daqueles que veem a “desgraça do fraco” como o axioma da natureza está bem documentado, mas menos atenção tem sido dada à sua compreensão técnica da teoria evolucionária. O que esta análise mostra é que Kropotkin, como muitos evolucionistas escrevendo antes dos insights da genética moderna, permaneceu ligado às teorias de Jean-Baptiste Lamarck. Mas mais do que isso, foi o trabalho influente de Spencer sobre adaptação animal que foi central para a tentativa de Kropotkin de navegar nos debates entre os seguidores de Darwin e os apoiantes de Lamarck que estavam começando a informar a divisão decisiva dessas duas abordagens para a evolução no final do século XIX. Finalmente, enquanto o trabalho metodológico de Kropotkin e a escrita sobre a evolução mostram uma clara linha de influência entre ele e Spencer, em sua política essa relação vacila. Como David Miller sugere, Kropotkin frequentemente enfatizava as ressonâncias entre a política de Spencer e a sua. Neste, Kropotkin estava parcialmente tentando sublinhar a legitimidade de seu anarquismo – rearticulando uma política moldada pela história do comunismo russo e do socialismo francês na linguagem do radicalismo britânico. Ao mesmo tempo, no entanto, o envolvimento crítico de Kropotkin com Spencer foi uma conquista para seu desafio mais amplo de tradições anarquistas concorrentes. Unindo os fracassos políticos de Spencer com os de anarquistas individualistas como Benjamin Tucker, Kropotkin defendeu a importância do comunismo anarquista. O envolvimento de Kropotkin com Spencer foi, portanto, central para a criação de sua sociologia, mas foi uma sociologia propondo uma visão política distinta.

⁷ Caroline Cahm, **Kropotkin and the Rise of Revolutionary Anarchism: 1872–1886** (Cambridge: Cambridge University Press, 1989), 2, 4, 6; Martin A. Miller, **Kropotkin** (Chicago: University of Chicago Press, 1976), 173, 189, 245. George Woodcock e Ivan Avakumovic, **The Anarchist Prince: A Biographical Study of Peter Kropotkin** (Nova York: T.V. Boardman, 1970), 77, 129, 146, 194, 422.

⁸ David Miller, **Social Justice** (Oxford: Clarendon, 1976), 217, 213, 215.

Espectros de Comte: Filosofia Sintética

Enquanto Spencer frequentemente tentava distinguir sua filosofia da filosofia de Auguste Comte, Kropotkin via suas contribuições intelectuais atuando em conjunto¹. Na verdade, em *Freedom*, Kropotkin insistiu que “o que quer que os ingleses e alemães, que imaginam que não sofreram a sua influência, podem dizer”, a “filosofia positiva de Comte ... impressionou sua marca em todas as especulações do século 19”. Ao contrário da opinião de Spencer, Kropotkin argumentou que Comte não só deu a Spencer a ideia de construir sua Filosofia Sintética, mas que Spencer estava na vanguarda de um movimento intelectual que se estendia de volta ao Iluminismo francês, notavelmente os “Enciclopédicos”². Em seu extenso panfleto **Modern Science and Anarchism** (1901), Kropotkin desenvolveu essa posição, argumentando que o movimento geral de ideias no século XVIII tinha sido para a elaboração de uma filosofia que integrasse avanços intelectuais em outros campos. Turgot, Voltaire e Saint-Simon deram passos cautelosos nessa direção, mas Comte unificou as ciências naturais e humanas no “círculo das ciências rodeado por sua filosofia positiva”³. Apesar deste elogio, Kropotkin percebeu uma fraqueza no sistema Comteano. Seguindo Pierre-Joseph Proudhon, uma importante influência na visão de Kropotkin do federalismo anarquista e ele mesmo um seguidor crítico da sociologia Comteana, ele discerniu uma tendência preocupante para a hierarquia nas prescrições sociais de Comte⁴. Para Kropotkin, enquanto Comte tinha feito uma profunda contribuição epistemológica em mostrar a aplicabilidade universal do método científico, libertando a filosofia social da sua fixação com a “essência das coisas”, “causas primeiras”, o “objectivo da vida” – ele contemporizou ao tirar conclusões políticas de sua pesquisa⁵. Quando Comte terminou o seu “Curso de Filosofia Positiva”, Kropotkin sugeriu:

Ele, sem dúvida, deve ter percebido que ele ainda não tinha tocado no ponto mais importante, ou seja, a origem no homem do *princípio moral* e da influência deste princípio sobre a vida humana ... e para mostrar por que o homem sente a necessidade de obedecer seu senso moral, ou, pelo menos, contar com isso⁶.

A ousadia de Comte o abandonou e ele colocou “Humanidade em letras grandes” no lugar de Deus como o lastro da moralidade humana. O teísmo rastejou de volta ao pensamento de Comte, com até mesmo o “ritualismo” do cristianismo encontrando expressão em sua religião da humanidade, em última análise, expondo a tenacidade da “educação cristã que ele havia recebido”⁷. Além do fato de que essa concessão à religião traiu um compromisso vulnerável com a explicação racional, Kropotkin seguiu Proudhon temendo que uma reversão ao pensamento teísta abrisse a porta para formas de hierarquia tradicionalmente promovidas pela religião organizada⁸. A metafísica ilusória, na opinião de Kropotkin, sempre foi uma arma eclesástica para garantir a dominação de muitos por poucos, como visto nos sacerdotes cujos ensinamentos transformaram as mentes de indagadores em “depravados” no final do período comunalista medieval⁹. Espelhando seu tratamento posterior de Spencer, no entanto, Kropotkin procurou explicar o fracasso de Comte através de um apelo ao contexto histórico¹⁰. Comte, de acordo com Kropotkin, escreveu antes “dos anos 1856–1862”, um período que “não tem paralelo em toda a

¹ Ver Spencer: “Reasons for Dissenting from the Philosophy of M. Comte”, em *The Classification of the Sciences* (Nova Iorque: D. Appleton, 1864), 27–48. Ver também John Offer, **Herbert Spencer and Social Theory** (Basingstoke: Palgrave, 2010), 85.

² Kropotkin, “Herbert Spencer [III],” 7.

³ Kropotkin, **Modern Science and Anarchism** (New York, Mother Earth Publishing, 1908), 27.

⁴ Alex Prichard, “The Ethical Foundations of Proudhon’s Anarchism,” in *Anarchism and Moral Philosophy*, ed. Benjamin Franks and Matthew Wilson (Basingstoke: Palgrave, 2010), 86–112 (89–90, 92–96).

⁵ Kropotkin, **Modern Science**, 25.

⁶ Os itálicos são de Kropotkin. *Ibid.*, 28.

⁷ *Ibid.*, 29, 30.

⁸ Prichard, “Proudhon’s Anarchism”, 96–97.

⁹ Kropotkin, **The State: Its Historic Role** (London: Freedom Press, 1908), 24.

¹⁰ Miller, **Social Justice**, 217.

história da ciência nos últimos dois mil anos” e em que a “metafísica” foi verdadeiramente “derrotada”¹¹. Para Kropotkin, o evento mais significativo naqueles anos foi a publicação de **Sobre a Origem das Espécies** (1859), de Darwin, um livro que “eclipsou todo o resto” na formação do caráter do pensamento do século XIX¹². Ele destacou as “ideias de desenvolvimento contínuo (evolução)” de Darwin como sua principal contribuição, mas acrescentou, em uma frase que revelou a proeminência contínua dos preceitos evolutivos lamarckianos neste período, que a ideia de “adaptação contínua da espécie ao ambiente em mudança” encontrou alcance além das ciências naturais¹³. A evolução, portanto, informou o novo estudo das instituições humanas, como visto no trabalho do historiador jurídico Henry Maine, com o tratamento “científico” de dados históricos removendo “à metafísica que tinha dificultado este estudo exatamente da mesma maneira que os ensinamentos bíblicos tinham dificultado o estudo da Geologia”¹⁴.

Kropotkin apresentou Spencer instruído nos estudos de Comte, propondo uma filosofia sintética que removeu as deficiências do positivismo de Comte, mas, crucialmente, possuía fraquezas próprias. Enquanto Kropotkin observou que o radicalismo político de Spencer era uma importante voz dissidente na Grã-Bretanha vitoriana, ele sugeriu que sua maior contribuição não estava aqui, mas em suas contribuições epistemológicas e ontológicas. Surpreendentemente, ele dirigiu seus leitores a olharem além de **Social Statics** (1851) de Spencer, o livro no qual ele ofereceu sua famosa lei de igual liberdade, e insistiu que como todas as “instituições devem ser subordinadas” a esta máxima, os indivíduos têm o “direito de ignorar o estado”¹⁵. Em vez disso, Kropotkin comentou que “o maior serviço ... prestado por Spencer não pode ser encontrado em sua **Social Statics**, mas sim na elaboração de sua Filosofia Sintética”¹⁶. **First Principles** (1862), em que Spencer delineou sua ambição por uma “síntese universal compreendendo e consolidando ... [as] ... sínteses especiais” de tipos individuais de pesquisa, foi identificado por Kropotkin como a pedra angular desta conquista intelectual¹⁷. Kropotkin argumentou que, ao colocar todos os fenômenos em um continuum evolutivo de “formação ou ... decadência”, Spencer apontou para uma ontologia decente de mudança perpétua:

Se nos habituamos a este método, vemos verdadeiramente que todas as nossas instituições, as nossas relações econômicas, as nossas línguas, as nossas religiões, a nossa música, as nossas ideias morais, nossa poesia, etc., pode ser explicado pela mesma concatenação de eventos naturais que explicam os movimentos dos sóis e os da poeira que circula no espaço, as cores do arco-íris e as da borboleta¹⁸.

Kropotkin adotou esta metafísica universal como o andaime para sua sociologia histórica¹⁹. Este foi o impulso da **Modern Science and Anarchism**, em que Kropotkin tentou uma síntese histórica própria, traçando o desenvolvimento desta ontologia de fluxo na história da ciência contemporânea. Uma análise de Spencer é o ponto central deste trabalho. Depois de uma discussão sobre a influência epistemológica de Comte e Darwin, Kropotkin deixa de oferecer um comentário sobre a história do pensamento europeu para localizar explicitamente ideias anarquistas dentro deste arco maior.

Uma exposição mais clara de sua ontologia inspirada em Spencer, entretanto, é encontrada em seu panfleto **Anarchism: Its Philosophy and Ideal** (1897). Embora Kropotkin não cite Spencer, o argumento desenvolvido é que a tendência moderna nas ciências físicas têm sido fragmentar e descentrar a compreensão dos fenômenos. Kropotkin oferece a história da astronomia como um exemplo ilustrativo. “Pegue qualquer trabalho de astronomia do século passado”, escreveu ele, e “você não vai mais encontrar nele ... nosso minúsculo planeta no centro do universo”. Em vez disso, “você encontrará a cada passo” a ideia de uma “luminária central – o sol – que por sua poderosa atração governa nosso mundo planetário”. Mas a ciência moderna também desestabilizou isso. Agora, “com o astrônomo, percebemos que os sistemas solares são obras de corpos infinitamente pequenos ... o resultado da colisão entre ... aglomerados infinitamente minúsculos de matéria”. O equilíbrio é um produto temporário de “inúmeros

¹¹ Kropotkin, **Modern Science**, 30, 33. [21] *Ibid.*, 34. [22] *Ibid.*, 36

¹² *Ibid.*, 34.

¹³ *Ibid.*, 36.

¹⁴ *Ibid.*, 37, 39.

¹⁵ Spencer, **Social Statics: Or, the Conditions Essential to Human Happiness** (Londres: John Chapman, 1851), 206.

¹⁶ Kropotkin, “Herbert Spencer [III],” 7.

¹⁷ Spencer, **First Principles** (1862; London: Williams and Norgate, 1875), 275.

¹⁸ Kropotkin, “Herbert Spencer [IV],” 15.

¹⁹ Matthew S. Adams: “**Evolution, Revolutionary Change and the End of History**,” *Anarchist Studies* 19, no. 1 (2011): 56–81.

movimentos”, e a mudança perpétua da condição básica dos fenômenos: “Nada [é] preconcebido no que chamamos de harmonia na Natureza”²⁰.

Embora a ciência tenha revelado a complexidade dos fenômenos, para Kropotkin isso não tornou a síntese filosófica redundante, mas urgente. Ele observou com aprovação que o sistema de Spencer progrediu de uma análise de forças físicas e químicas nos *First Principles*, para a vida animal em *Principles of Biology*, para a dissecação da mente e da sociedade em *Principles of Psychology* e *Principles of Sociology*, e moralidade em *Principles of Ethics*. O anarquismo deve possuir ambição semelhante, escreveu ele, se esforçando para “construir uma filosofia sintética compreendendo em uma generalização todos os fenômenos da natureza – e, portanto, também a vida das sociedades”²¹. Junto com esse objetivo sintético, Kropotkin opinou que Spencer havia fornecido aos anarquistas um método técnico inestimável. Como Comte, Spencer aparentemente foi além da “análise *verbal* e metafísica” dos fenômenos para um método que trazia a marca da “ciência indutiva”, procurando por “uma explicação de todos os fatos sociais em causas naturais, começando com o mais próximo e mais simples”²². Assim, também, Kropotkin elogiou Spencer por evitar o erro de Comte de permitir que o pensamento teísta se infiltrasse de volta em seu sistema, propondo uma ética “absolutamente agnóstica, não cristã” e tratando todas as religiões simplesmente como fenômenos históricos²³. Kropotkin não apreciou a manifestação mais sutil do teísmo na sociologia de Spencer, na forma como Spencer absorveu uma “Economia Política Cristã” em sua educação evangélica, uma versão secularizada que encontrou seu caminho em seu pensamento em sua visão orgânica da sociedade e da ética voluntarista²⁴. No entanto, depois de elogiar Spencer por escapar das tentações da religião, Kropotkin retrocedeu, observando que Spencer havia “quase, mas não totalmente” se libertado do “peso morto” da religião²⁵.

Enfatizando que o conhecimento era provisório e que, embora a ciência “continuamente ... deslocasse seus limites”, novos “problemas a serem resolvidos surgiam de todos os lados”, Kropotkin repreendeu Spencer por traçar uma distinção entre o desconhecido e o incognoscível nos **First Principles**²⁶. Neste trabalho, um livro hoje visto como um exercício tortuoso de “metafísica arcana”, Spencer qualificou seu materialismo admitindo que a “existência do mundo com tudo o que ele contém” é um “mistério que sempre pressiona pela interpretação”, mas que é inexplicável²⁷. Invocando um artigo não atribuído de Frederic Harrison – provavelmente seu artigo de 1884 “The Ghost of Religion” do periódico *Nineteenth Century*, uma questão para a qual Kropotkin também contribuiu – Kropotkin argumentou que o incognoscível de Spencer acarretava uma aporia lógica:

Spencer ... afirmou que além de um certo limite nós temos ... *o incognoscível*, o que não pode ser conhecido por nossa inteligência: ao que Frederic Harrison ... justamente comentou ... “Bem, você parece saber muito sobre este desconhecido do qual você faz um incognoscível, já que você pode afirmar que ele *não pode ser conhecido*”²⁸.

Kropotkin acreditava que, embora fenômenos inexplicáveis existissem, Spencer não tinha conseguido apreciar a capacidade da ciência para explicar o que era atualmente misterioso. A posição de Spencer era contraditória, portanto, pois ele discerniu um incognoscível que era, no entanto, “de nada parecido com qualquer coisa que eu conheço!” Se, como a “ciência do universo” havia mostrado, os humanos são compostos dos mesmos “elementos físicos e químicos” da “Natureza”, admitir o incognoscível é afirmar que “é diferente de todos os fenômenos mecânicos, químicos, intelectuais e emocionais dos quais temos ... conhecimento”²⁹. Kropotkin pensou que, limitando o alcance da observação empírica desta forma,

²⁰ Kropotkin, *Anarchism: Its Philosophy and Ideal* (London: Freedom, 1897), 3, 6. [30] Kropotkin, *Modern Science*, 53.

²¹ Kropotkin, *Modern Science*, 53.

²² Kropotkin, “Herbert Spencer [IV]”, 15.

²³ *Ibid.*

²⁴ Boyd Hilton, *The Age of Atonement: The Influence of Evangelicalism on Social and Economic Thought, 1795–1865* (Oxford: Clarendon, 1988), 311–13. [34] Kropotkin, “Herbert Spencer [IV]”, 7. [35] *Ibid.*

²⁵ Kropotkin, “Herbert Spencer [IV],” 7.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ M.W. Taylor, *Men Versus the State: Herbert Spencer and Late Victorian Individualism* (Oxford: Clarendon, 1992), 76; Spencer, *First Principles*, 44.

²⁸ Os itálicos são de Kropotkin, Kropotkin, “Herbert Spencer [V]”, 23; Frederic Harrison, “The Ghost of Religion”, *The Nineteenth Century* (March 1884): 494–506. [38] Kropotkin, “Herbert Spencer [V]”, 23.

²⁹ Kropotkin, “Herbert Spencer [V],” 23.

Spencer tinha aberto a porta para o misticismo, não tão flagrantemente como na religião secular de Comte, mas, no entanto, tal erro analítico permaneceu um benefício potencial para propagandistas religiosos. Por sua vez, essa concessão ao misticismo significou uma renúncia ao poder. Admitir uma “força infinitamente superior a ... nossa inteligência” com uma mão orientadora no universo abriu o caminho para uma tirania política que espelhava essa inflexibilidade centralizadora. Fechando este argumento, Kropotkin voltou à famosa declaração de Laplace de que Deus era uma hipótese desnecessária, abordando esta afirmação não como um gracejo, mas como uma pedra angular de seu próprio credo. “O abstrato, o absoluto, deus, o incognoscível ... é um luxo, uma superestrutura inútil, uma sobrevivência que é hora de esquecer”³⁰.

A leitura de Kropotkin da escrita teórica de Spencer foi fundamental para o desenvolvimento de sua sociologia histórica. Spencer, acima de qualquer outro pensador, forneceu a Kropotkin tanto um método para unir as ciências físicas e humanas, quanto a ambição de investir a filosofia política anarquista com a linguagem do mais recente pensamento social científico. Kropotkin elogiou a tentativa de Spencer de sintetizar as pesquisas específicas das ciências individuais para desenvolver um “sistema completo de filosofia revolucionária”, e se esforçou para dar ao seu pensamento social a mesma base sistemática³¹. Esta pesquisa, ele sustentou, descobriu um universo definido por forças eternamente antagônicas, descentradas, uma posição que encontrou apoio na metáfora organicista complexa de Spencer. Além disso, a análise racional e científica poderia superar a explicação metafísica, uma ferramenta comum de dominação social nas mãos de autoridades religiosas. Ainda assim, crucialmente, este foi um diálogo crítico. Kropotkin viu fraquezas importantes na filosofia sintética de Spencer que afetou sua aquisição analítica e, como Spencer mudou da filosofia abstrata para a sociedade e a política, minou a eficácia de suas prescrições sociais.

³⁰ Ibid.

³¹ Kropotkin, “Herbert Spencer [III]”, 24.

Teorizando a Evolução: Darwin, Lamarck, Weismann e Spencer

Surpreendentemente, a compreensão de Kropotkin da teoria da evolução é vista no contexto de seus escritos sobre a sociedade, principalmente em seu texto mais importante, **Mutual Aid** (1902). Dada a proeminência da “analogia naturalista”, no discurso político vitoriano, durante o qual as recém-proeminentes ciências naturais forneceram uma variedade de metáforas, isso não é surpreendente¹. Além disso, Kropotkin de fato dirigiu principalmente sua energia polêmica para o desenvolvimento de uma teoria ética que destacava o valor da solidariedade de grupo e estava enraizada em uma análise das sociedades históricas. Por mais que Kropotkin se envolvesse nos debates sobre o darwinismo com a aplicação social da teoria em mente, no entanto, ele tinha os olhos firmemente fixados na evolução como uma questão nas ciências naturais e, como Spencer, manteve-se a par dessas discussões especializadas. Neste Kropotkin foi, portanto, um tanto excepcional: enquanto os pensadores vitorianos promiscuamente pegaram emprestado a terminologia das ciências naturais, poucos participaram dos argumentos técnicos sobre o desenvolvimento das espécies ou se envolveram com as pesquisas científicas mais recentes. Para Kropotkin, a teoria da evolução espelhava a ontologia dinâmica descrita acima, e a principal contribuição de Darwin foi a destruição do conceito de fixidez essencial das espécies.

Um aspecto negligenciado do darwinismo de Kropotkin, no entanto, é sua dívida para com a teoria da evolução de Spencer. Dadas as reivindicações de Spencer por sua própria singularidade² e seu compromisso com as ideias lamarckianas, isso pode parecer paradoxal, mas Kropotkin percebeu a importância duradoura da herança das características adquiridas para a teoria darwiniana. Perturbado pelo argumento de William Thomson, o futuro Lord Kelvin, de que Charles Lyell havia superestimado muito a idade da Terra, Darwin procurou “acelerar o processo de evolução” para se ajustar a essa nova geocronologia³. Como resultado, a quinta edição de **On the Origins of Species** trouxe a marca desse debate, com Darwin adicionando ênfase extra ao impacto direto do meio ambiente no desenvolvimento das espécies – uma formulação lamarckiana que estava presente, mas menos proeminente, em edições anteriores⁴. Ao olhar para a importância das ideias lamarckianas para o evolucionismo darwiniano, Kropotkin não estava, portanto, perseguindo uma “síntese impossível”, mas destacando uma dinâmica em ação nos esforços de Darwin para criar uma teoria definitiva da evolução⁵. E nesta leitura, o trabalho de Spencer estava no cerne do arsenal analítico de Kropotkin.

A **Mutual Aid** pode ser a investigação mais comentada de Kropotkin sobre o darwinismo, mas não foi a mais detalhada. Em 1905, ele retornou explicitamente a um tema implícito em **Mutual Aid**, traçando o significado do trabalho de Darwin para a filosofia moral, sugerindo que **The Descent of Man** (1871) tinha plantado a semente de uma teoria evolutiva da ética⁶. Escrevendo em 1909 para William Wray Skilbeck, editor do retitulado *Nineteenth Century and After*, Kropotkin observou que um importante trabalho sobre o darwinismo permaneceu:

Descobri, entretanto, pelas cartas recebidas ... que ... devo discutir seriamente a questão da luta darwiniana pela vida – e da ajuda mútua. É uma grande questão, pois requer uma análise crítica da

¹ Mark Francis and John Morrow, **A History of English Political Thought in the Nineteenth Century** (Londres: Duckworth, 1994), 205. Ver também H.S. Jones, *Victorian Political Thought* (Basingstoke: Palgrave, 2000), 74–87.

² Spencer observou claramente em sua autobiografia que ele devia pouco ao trabalho de Darwin. **Spencer, An Autobiography** (London: Williams and Norgate, 1904), 2:27–28.

³ Joe D. Burchfield, **Lord Kelvin and the Age of the Earth** (New York: Neale Watson, 1975), 76.

⁴ Para isto: *ibid.*, 76–79.

⁵ Álvaro Girón-Sierra, “Kropotkin Between Lamarck and Darwin: The Impossible Synthesis”, *Asclepio* 52, no. 1 (2003): 189–213.

⁶ Kropotkin, “*The Morality of Nature*”, *The Nineteenth Century and After* (March 1905): 407–26.

Seleção Natural, mas do mais profundo interesse agora, quando o lamarckianismo está se tornando tão proeminente.

Para preencher esta lacuna, Kropotkin escreveu que será necessário “um ou dois artigos”, sendo o “segundo quase inteiramente dedicado ao Lamarckianismo e ao Darwinismo”, e apresentado “na forma de análise da evolução das ideias de Darwin após a publicação da ‘*Origens das Espécies*’ – como aparece a partir dos 5 volumes de suas cartas”⁷. A escala do projeto superou a ambição de Kropotkin por brevidade, e os dois artigos antecipados se tornaram uma série de sete⁸. Partindo de sua proposição de que a luta pela sobrevivência havia sido exagerada nas descrições da seleção natural, Kropotkin cada vez mais se concentrou em outros fatores, além da ajuda mútua, que influenciaram o sucesso evolutivo.

Em “**The Theory of Evolution and Mutual Aid**”, Kropotkin observou a perspicácia de Spencer em reconhecer a importância da “*Ação Direta do Meio Ambiente*” no desenvolvimento das espécies. Ele observou que Spencer “em 1852” havia especulado que a “morfologia experimental” havia mostrado que “novas funções *poderiam* modificar um grupo de músculos, ou um órgão”, uma conclusão apontando na direção de uma mutabilidade semelhante em animais⁹. Kropotkin está aqui se referindo à “*The Development Hypothesis*” de Spencer (1852), um artigo no qual ele discordava da rejeição impensada da evolução e argumentava que a adaptação dos organismos ao seu ambiente era uma proposição empiricamente válida:

O processo de modificação efetuou, e está efetuando, mudanças decididas em todos os organismos sujeitos a influências modificadoras ... Qualquer espécie existente – animal ou vegetal – quando colocada em condições diferentes das anteriores, *imediatamente começa a sofrer certas mudanças adequadas para as novas condições*¹⁰.

Para Kropotkin, houve um importante eco de sua ontologia de fluxo pontuada por períodos de equilíbrio, ela mesma influenciada por Spencer, nessa percepção de adaptação evolutiva. Essa noção da mutabilidade inerente à vida natural, ele identificou como uma das principais contribuições de Darwin, destruindo o fundamento da fé na “imutabilidade” orgânica que havia atordoado o progresso científico¹¹. Apesar disso, Kropotkin criticou cautelosamente a relutância de Darwin em reconhecer a importância da adaptação direta à variabilidade e, ao fazer isso, argumentou que Spencer não estava apenas na vanguarda desta revisão teórica, mas que sua escrita biológica permaneceu importante. Sempre temeroso de criticar Darwin, Kropotkin afirmou que no final de sua vida Darwin foi, como suas “cartas, publicadas em cinco volumes por seu filho Francis” mostraram, chegando a perceber a importância da “ação direta do meio ambiente”¹². No momento da publicação inicial de **On the Origin of Species**, no entanto, Darwin não reconheceu, “para usar a terminologia de Herbert Spencer”, que “a ação direta pode ser ... *uma adaptação direta*”¹³.

Seguindo com Skilbeck em abril de 1910, Kropotkin reafirmou a importância contínua do entendimento lamarckiano da evolução, mas também sugeriu uma mudança de rumo. “Quando comecei a escrever”, ele relatou:

Descobri que havia tanta massa de material a ser mencionada e tantos assuntos importantes para discutir, que decidi tratá-la apenas em plantas, deixando os animais para outro ensaio ... Neste segundo esboço, a hipótese de Weismann pode ser tratada brevemente. Nunca imaginei que deveria haver tama-

⁷ Kropotkin to W. Wray Skilbeck, November 16, 1909, in Westminster City Archives [Hereafter: WCA], 716/84/23.

⁸ Kropotkin, “**The Theory of Evolution and Mutual Aid**”, *The Nineteenth Century and After* (January 1910): 86–107; Kropotkin, “**The Direct Action of Environment on Plants**”, *The Nineteenth Century and After* (July 1910): 58–77; Kropotkin, “**The Response of the Animals to their Environments [I]**”, *The Nineteenth Century and After* (November 1910): 856–67; Kropotkin, “**The Response of the Animals to their Environment [II]**”, *The Nineteenth Century and After* (December 1910): 1047–59; Kropotkin, “**Inherited Variation in Plants**” *The Nineteenth Century and After* (October 1914): 816–36; Kropotkin, “**Inherited Variation in Animals**”, *The Nineteenth Century and After* (November 1915): 1124–44; Kropotkin, “**The Direct Action of Environment and Evolution**”, *The Nineteenth Century and After* (January 1919): 70–89.

⁹ O itálico é do próprio Kropotkin. Kropotkin, “**Theory of Evolution and Mutual Aid**”, 98, 97.

¹⁰ O itálico é do próprio Spencer. Spencer, **Essays: Scientific, Political, and Speculative** (London: Williams and Norgate, 1891), 1: 3.

¹¹ Kropotkin, “**Theory of Evolution and Mutual Aid**”, 88.

¹² *Ibid.*, 92.

¹³ O itálico é do próprio Kropotkin. *Ibid.*, 95

nha massa de evidência a favor da ação direta do meio ambiente, nunca mencionada em vários excelentes livros recentes sobre darwinismo, e tal consenso de opinião a favor da ação do meio ambiente¹⁴.

Depois de escrever sobre evolução e ajuda mútua, Kropotkin publicou três ensaios adicionais em 1910, o primeiro mapeando a importância da adaptação direta na vida vegetal e, em seguida, uma contribuição de duas partes sobre sua centralidade para a evolução animal. Esses artigos consolidaram ainda mais sua posição de que a adaptação ao meio ambiente era fundamental, e ele encerrou seu artigo sobre a vida vegetal com uma defesa do lamarckismo. Ele observou que, enquanto alguns “Neo-lamarckianos” possuíam uma virada “metafísica da mente” e apelou para o que ele apelidou de “Hegelian Natureselec ... para explicar a evolução”, o verdadeiro motor de mudança estava em “a ação das forças físicas e químicas que afetam ... [plantas] ... tecidos”¹⁵. Kropotkin repetiu Darwin ao ser cético em relação ao impulso teleológico do lamarckismo, mas pensou que um importante núcleo de verdade permanecia na teoria lamarckiana que deve ser protegido do ataque da metafísica¹⁶.

Um caso em questão é o seu tratamento com o biólogo evolucionista alemão August Weismann, onde Kropotkin ressuscitou esta carga de especiarias metafísicas. Sua avaliação da teoria do germe-plasma de Weismann é atipicamente espinhosa, algo talvez explicável dada a reputação subsequente de Weismann como o coveiro da teoria de Lamarck. Na verdade, em particular, em uma carta à bióloga russa Marie Goldsmith, Kropotkin julgou Weismann “o Karl Marx da Biologia, tão superficial ... fazendo ... metafísica sobre uma base que não se sustenta”¹⁷. Weismann foi inicialmente um lamarckiano convicto, renunciando a esse apego em 1883 em uma palestra que rejeitou a herdabilidade de atributos adquiridos por meio do “uso e desuso”¹⁸. Em seu influente *The Germ-Plasm: A Theory of Heredity* (1893), Weismann foi além, identificando “*germoplasmas ancestrais*”, uma “substância peculiar de estrutura extremamente complicada” da “qual o novo indivíduo surge”; uma substância que “nunca pode ser formada de novo; ele só pode crescer, se multiplicar e ser transmitido de uma geração para outra”¹⁹. Assim, as modificações que ocorrem durante a vida de um animal individual não podem ser transmitidas à sua prole.

Kropotkin rejeitou a hipótese de Weismann e, ao fazê-lo, seguiu Spencer, que trocou farpas com Weismann em uma série de artigos na *The Contemporary Review* entre 1893 e 1895. Para Spencer, a seleção natural foi uma explicação insuficiente da evolução, e ele sustentou que, em consequência, “a herança de caracteres adquiridos torna-se uma causa importante, se não a principal, da evolução”²⁰. Weismann, em contraste, manteve a “suficiência total da seleção natural”, oferecendo uma série de exemplos que minaram o argumento de Spencer para o uso-herança²¹. Kropotkin desafiou Weismann por discordar da posição de Darwin sobre uso-herança – algo que Weismann admitiu – e mais tarde afirmou que seu argumento de que “variação ... vem de dentro” contrariava “todas as tendências da ciência empírica moderna”²². Um tanto perversamente dado o objetivo de Kropotkin, ele então se agarrou a um dos primeiros ensaios lamarckianos de Weismann, e destacou uma linha metafísica em seu pensamento, caricaturando o plasma germinativo como “partículas de matéria ‘imortal’”²³. Enquanto Kropotkin começou a levantar uma série de objeções técnicas, o cerne de seu argumento veio na forma de uma reafirmação da correção de Spencer:

Um dos principais resultados da discussão ... na qual Herbert Spencer teve um *papel* proeminente, foi definir com mais precisão o papel adequado da seleção natural ... A seleção natural não pode ser a *origem* da chamada “determinada” ... variação ... Um grande número de biólogos buscou, portanto, a

¹⁴ Kropotkin to Skilbeck, April 14, 1910, in WCA, 716/84/39.

¹⁵ *The Direct Action of Environment on Plants*, 77.

¹⁶ Daniel P. Todes, *Darwin without Malthus: The Struggle for Existence in Russian Evolutionary Thought* (Oxford: Oxford University Press, 1989), 141.

¹⁷ Kropotkin citado em *ibid.*, 140.

¹⁸ Ernst Mayr, “Weismann and Evolution”, *Journal of the History of Biology* 18, no. 3 (Autumn 1985): 295–329 (313).

¹⁹ O itálico é do próprio Weismann. August Weismann, *The Germ-Plasm: A Theory of Heredity*, trans. W. Newton Parker and Harriet Ro'nnefeldt (New York: Scribner's, 1893), xi, xiii.

²⁰ Spencer, “The Inadequacy of Natural Selection (Concluded)”, *The Contemporary Review* (May 1893): 439–56 (456)

²¹ Weismann, “The All-Sufficiency of Natural Selection: A Reply to Herbert Spencer”, *The Contemporary Review* (September 1893): 309–38.

²² Kropotkin, “*Inheritance of Acquired Characters*”, 516; Kropotkin, “*The Response of the Animals to their Environments [I]*”, 863.62

²³ *Inheritance of Acquired Characters*, 518.

origem da variação ... na ação direta do ambiente; enquanto aqueles para quem o principal era repudiar o odioso “fator lamarckiano” seguiram seu porta-voz, Weismann²⁴.

Em outro lugar, ele reiterou esta posição, argumentando que os **Principles of Biology** de

Spencer e sua troca com Weismann provaram a primazia da “variação herdada” sobre a “seleção de modificações acidentais”. “É chegada a hora”, concluiu ele sobriamente, que todo o “assunto das variações herdadas devido ao ... uso ou desuso”, identificado por Spencer, deve ser estudado “seriamente”²⁵.

A crítica de Kropotkin a Weismann mostrou a centralidade das idéias lamarckianas para sua compreensão da evolução, e o teor de sua crítica sugere a importância do trabalho de Weismann para entrincheirar as divisões entre as explicações darwiniana e lamarckiana da mudança evolutiva. O que até então havia se confundido, conforme revelado pelas concessões de Darwin à uso-herança em edições posteriores de sua magnum opus, começou a se polarizar sob a influência de Weismann. Isso explica a inimizade atípica de Kropotkin com o biólogo alemão, mas também mostra a importância da teoria evolucionária de Spencer na navegação de Kropotkin desses debates, particularmente na capacidade de Spencer como um oponente influente de Weismann. O artigo final de Kropotkin sobre a teoria da evolução, que apareceu com um prólogo editorial afirmando, incorretamente, que o “Príncipe Kropotkin”, a essa altura retornou à Rússia, “foi encarcerado ... pelos malditos bolcheviques”, deu ao Weismann uma pequena desculpa. Resumindo seus artigos anteriores, Kropotkin concluiu que “discuti a tentativa feita por Weismann de provar ... que as mudanças não podiam ser herdadas é o fracasso dessa tentativa”²⁶. A rejeição spenceriana de Kropotkin de Weismann foi baseada em um compromisso com a ideia de que o mundo natural era fundamentalmente maleável, algo que Kropotkin pensava que estava em perigo por argumentos baseados em “matéria imortal”. Assim como uma leitura de Spencer informou essa noção de complexidade na ontologia de Kropotkin, em sua teoria evolutiva, Spencer também foi um aliado notável. Kropotkin não estava apenas familiarizado com as minúcias do trabalho de Spencer sobre a teoria evolucionária, mas foi inspirado por ela.

²⁴ Os itálicos são de Kropotkin. Ibid., 526.

²⁵ Kropotkin, “**Inherited Variation in Animals**”, 1140, 1142.

²⁶ **The Direction Action of Environment and Evolution**, 70.

Política: Contratualismo e Anarquismo Individualista

A leitura de Kropotkin do trabalho de Spencer sobre a teoria evolucionária ajudou sua tentativa de enfatizar a importância contínua das ideias lamarckianas para a evolução darwiniana, assim como sua epistemologia e ontologia abrangentes emergiram de um envolvimento com a escrita teórica de Spencer. No entanto, apesar das intoxicações da descoberta científica liricamente celebradas por Kropotkin em sua autobiografia, para ambos os pensadores, o real significado de lançar uma luz investigativa sobre o mundo natural era seu poder de iluminar a condição humana. Foi aqui, na tentativa de articular a posição política que sua filosofia mais ampla supostamente esboçou, que a dívida de Kropotkin para com Spencer vacilou. Embora Kropotkin reconhecesse Spencer como um oponente corajoso do estado – o próprio título **The Man Versus the State** é “equivalente a um programa revolucionário”, escreveu ele – ele argumentou que não conseguiu desenvolver uma posição política coerente¹. Ele afirmou que a raiz desse fracasso estava nas percepções antropológicas defeituosas de Spencer, mas, na verdade, a crítica de Kropotkin a Spencer foi mais ampla, e informou sua tentativa mais ampla de distinguir o comunismo anarquista como a variedade preeminente do pensamento anarquista. Confundindo Spencer com representantes da tradição individualista como Tucker, Kropotkin desafiou as presunções de ambos.

Spencer errou, argumentou Kropotkin, porque possuía um traço caracteristicamente britânico. “Spencer fez este trabalho”, escreveu ele, referindo-se a seus estudos sociológicos:

mas com a falta de compreensão de todas as instituições não encontradas na Inglaterra, que caracteriza a grande maioria dos ingleses. Além disso, não conhecia homens, não tinha viajado (tinha estado apenas uma vez nos Estados Unidos e uma vez na Itália, onde estava bastante infeliz)².

Este aparente fracasso foi informado em **Mutual Aid**, embora uma referência inicial à recusa de Spencer em “admitir a importância da ajuda mútua ... para o Homem” seja a única ocasião em que Kropotkin o indiciou diretamente³. Dada a tentativa de Kropotkin de demonstrar a importância da ajuda mútua como um determinante da aptidão biológica e – sob a influência direta de pressões ambientais – sua expressão como uma crença moral nas sociedades humanas, é provável que ele tivesse o trabalho recente de Spencer sobre o assunto em mente. Ele certamente estava lendo Spencer no período em que os ensaios de **Mutual Aid** foram publicados pela primeira vez: em 1896, ele contribuiu com uma longa refutação do “terceiro e último volume de seus **Principles of Sociology**” para a *Freedom*⁴. A dissecação de Kropotkin enfocou a ênfase de Spencer nas relações contratuais como o desiderato social, e sua crítica às empresas cooperativas de trabalhadores como essencialmente “instáveis” e propensas a se transformar em “senhores da classe trabalhadora que empregam não-membros como assalariados”⁵. Em uma época em que as “utopias militares do socialismo alemão” estavam em ascensão, Kropotkin observou que a defesa do contrato de Spencer era um corretivo bem-vindo no espírito de “livre acordo”, mas rejeitou a ideia de que o trabalho verdadeiramente cooperativo só era alcançável pelos “melhores homens”. Em vez disso, o olhar insular de Spencer o levou a ignorar a preponderância do “maior desenvolvimento da co-parceria ... já praticado” em toda a Europa, bem como seu significado histórico mais amplo⁶. Voltando-se para a Rússia, como o país “onde o assunto foi melhor explorado”, Kropotkin argumentou que uma

¹ Kropotkin, **Modern Science**, 41.

² Kropotkin, “Herbert Spencer [VI]”, 31.

³ Kropotkin, **Mutual Aid: A Factor of Evolution** (Londres: William Heineman, 1902), xv. Para auxílio mútuo, consulte Ruth Kinna, “Kropotkin’s Theory of Mutual Aid in Historical Context”, *International Review of Social History* 40, no. 2 (agosto de 1995): 259–83.

⁴ Kropotkin, “Co-Operation: A Reply to Herbert Spencer [I]”, 116.

⁵ Herbert Spencer, **Principles of Sociology** (New York: D. Appleton, 1897), 3:567.

⁶ Kropotkin, “Co-Operation: A Reply to Herbert Spencer [I]”, 116. 73 Ibid.

série de “artels” temporários e espontâneos foram coerentes para atender às necessidades específicas de trabalho. Enquanto Spencer injustamente se apegou à “religião do assalariado”, Kropotkin sugeriu que essas instituições não só surgiram para completar o trabalho necessário, mas também para a distribuição organizada, muitas vezes abandonando a “recompensa proporcional ao mérito” em favor da “divisão da produção ... *de acordo com ... as necessidades*”⁷.

Para Miller, a simpatia de Kropotkin pela defesa de Spencer das relações contratuais representa um problema, já que Spencer via o capitalismo como a quintessência da liberdade contratual, enquanto Kropotkin favorecia relações comunistas e “solidárias”⁸. Isso fica claro no panegírico de Kropotkin sobre as empresas cooperativas russas, que, em sua apresentação, se aproximam de sua visão do comunismo, onde a distribuição acontecia de acordo com a necessidade. No entanto, apesar de seu elogio à visão de Spencer do acordo livre, a crítica de Kropotkin ao contratualismo foi mais profunda do que o argumento de Miller poderia sugerir. Para Kropotkin, a perniciosidade das relações contratuais – definidas por Spencer como “relações determinadas por ... acordo ... para realizar serviços por pagamentos específicos” – reside em sua tendência de reconstituir a hierarquia⁹. Reunindo-se contra “coletivistas” na esquerda, incluindo Karl Marx, o socialista americano Laurence Gronlund, e os “marxistas franceses” não especificados, Kropotkin argumentou que sua falha foi “começar proclamando um princípio revolucionário” e então “negando-o”¹⁰. Enquanto eles socializam os meios de produção em seus esquemas utópicos, suas tentativas de reconstituir a remuneração introduzindo “notas de trabalho” ou exigindo a “equalização de salários”, deixar de perceber que os serviços “*não podem ser avaliados em dinheiro ... Não pode haver uma medida exata do valor ... do ... valor de troca, nem do valor de uso*”¹¹. Distinguir a importância do trabalho realizado seria também aceitar acriticamente “as desigualdades da sociedade atual”, Kropotkin continuou, quanto a pagar “engenheiros, cientistas ou médicos ... dez ou cem vezes mais do que um trabalhador” falha em reconhecer a desigualdade social arraigada:

Que eles, portanto, não falem conosco sobre “o custo de produção” ... e nos digam que um estudante que passou alegremente sua juventude em uma universidade tem *direito* a um salário dez vezes maior que o filho de um mineiro que ficou pálido em uma mina desde os onze anos¹².

Assim como o liberalismo, em seu compromisso com as relações contratuais como padrão de liberdade, falha em apreciar contextos preexistentes que podem fazer os contratos se assemelharem a “obrigações feudais”, outras formas de socialismo muitas vezes seguem o exemplo, fazendo meras mudanças cosméticas nessas relações¹³. Alguns coletivistas apreciam a iniquidade do “princípio individualista” da remuneração, acrescentou ele, e procuram “moderar” seus efeitos funestos, mas seu apelo à “caridade ... organizada pelo Estado” é apenas um paliativo, e a “casa de trabalho é apenas um passo”¹⁴.

Para Spencer, a crescente complexidade da sociedade moderna tornou as relações contratuais o princípio de organização mais equitativo. Sua teoria evolutiva era parte integrante dessa ideia, pois ele via o desenvolvimento evolutivo, seja “astronômico, geológico, biológico, mental e social”, caracterizado por um movimento em direção à complexidade e interdependência crescentes: uma trajetória de “uma homogeneidade indefinida e incoerente para uma heterogeneidade coerente definida”¹⁵. A sociedade industrial era a expressão máxima dessa diversidade, e trazia consigo um “*regime* de contrato ... a ... cooperação voluntária que acompanha” a “igualdade legal” dos membros da sociedade¹⁶. Há muito nisso com que Kropotkin concordaria, mas as diferenças são indicativas. Kropotkin concordou que as sociedades modernas eram cada vez mais complexas e, conseqüentemente, os indivíduos cada vez mais interdependentes. Ambos os pensadores frequentemente expressaram isso dualisticamente. Aos olhos de Spencer, a sociedade moderna tendia para uma liberdade individual que, dada a primazia do acordo contratual,

⁷ Ibid.

⁸ Miller, **Social Justice**, 214.

⁹ Spencer, **Principles of Sociology**, 493.

¹⁰ Kropotkin, **The Conquest of Bread** (London: Chapman and Hall, 1906), 217, 219.

¹¹ O itálico é do próprio Kropotkin. Ibid., 216, 227.

¹² O itálico é do próprio Kropotkin. Ibid., 221, 223.

¹³ Ibid., 12.

¹⁴ Ibid., 232, 233, 234.

¹⁵ Spencer, **First Principles**, 495.

¹⁶ O itálico é do próprio Spencer. Herbert Spencer, **The Man versus the State** (Londres: Williams and Norgate, 1902),

produzia uma maior coesão social através dos valores compartilhados vitais para regular as relações contratuais¹⁷. Para Kropotkin, as instituições comunais fluidas que caracterizavam a sociedade anarquista mantinham a promessa de nutrir uma individualidade significativa¹⁸. Apesar da ampla semelhança de seus objetivos, no entanto, eles diferiam em sua rota percebida para, e na origem da estabilidade social. Enquanto Spencer considerava a crescente especialização a marca registrada das sociedades avançadas, com o mercado atendendo a essas necessidades que os indivíduos eram incapazes de atender, Kropotkin lamentava os efeitos enervantes desse processo. Seu **Fields, Factories and Workshops** (1899) ofereceu uma condenação sustentada da divisão do trabalho e propôs um sistema econômico que integrou “o trabalho cerebral e manual” e viu os indivíduos livres para perseguir uma série de empresas produtivas¹⁹. Além disso, Kropotkin citou a experiência de cooperativas britânicas, observando os efeitos de distorção das relações de mercado. Forçados a competir com indústrias monopolistas, os projetos cooperativos muitas vezes se tornam “*imbuídos de um espírito egoísta estreito ... em contradição direta com o espírito que a Cooperação pretende desenvolver*”²⁰. A solidariedade na teoria social de Kropotkin, portanto, resultou menos da busca individual da felicidade e mais de uma tendência preexistente para a comunidade, vista em sua ética, e sua ênfase na necessidade do comunismo distributivo.

Kropotkin dedicou um espaço significativo para desafiar a crença de Spencer de que as relações contratuais e as forças de mercado maximizariam a liberdade social. O fato de Kropotkin ter feito esse esforço é surpreendente, uma vez que na época de sua morte em 1903, a reputação de Spencer já havia começado a declinar. Muito antes de Parsons, um obituário publicado no *Times* elogiava a “prodigiosa, quase incomparável, capacidade de adquirir, assimilar e coordenar conhecimento” de Spencer, mas apresentava sua contribuição como a de uma época passada. “Com a morte do Sr. Herbert Spencer”, afirmou, “morre o último ... dos maiores membros do grupo brilhante que deve tornar a era vitoriana memorável na história da literatura e do pensamento”²¹. Em certo sentido, o envolvimento de Kropotkin com a política de Spencer foi um meio de traduzir a teoria anarquista para o público britânico. Os capítulos finais do **Mutual Aid** mostram a sensibilidade de Kropotkin ao seu contexto geográfico imediato; enquanto procurava exemplos que fortaleceriam sua proposição de que a ajuda mútua sustentava “nossas concepções éticas”, ele inventou uma série de exemplos quixotescos familiares ao público britânico: a Lifeboat Association, “críquete, futebol, tênis, nove pinos, pombo, musical ou clubes de canto” e a Cyclists Alliance²².

Além deste ato de tradução, no entanto, a leitura crítica de Kropotkin da política de Spencer também apresentou a ele a oportunidade de desafiar os pressupostos de outra tradição que havia feito progresso na Grã-Bretanha: o anarquismo individualista²³. Embora principalmente associado aos Estados Unidos – seu “anarquismo indígena”, nas palavras de um historiador – o anarquismo individualista teve uma presença modesta do outro lado do Atlântico, onde o movimento encontrou inspiração nos esforços de radicais americanos como Tucker²⁴. Um proeminente editor de livros anarquistas e tradutor de textos importantes, incluindo **What is Property?** De Proudhon, Tucker também apresentou sua própria visão anarquista em seu influente periódico *Liberty*. Politizado pela exposição a Josiah Warren e outros anarquistas individualistas americanos, Tucker desenvolveu um individualismo resolutivo que não apenas rejeitou a autoridade do estado, mas também discerniu uma tendência ao autoritarismo na teoria econômica das formas socialistas de anarquismo²⁵. Em vez da ação coletiva favorecida por Kropotkin,

¹⁷ Herbert Spencer, **The Principles of Sociology** (New York: D. Appleton, 1885), 1:589.

¹⁸ Kropotkin, “To Nettlau [1902]”, **Selected Writings on Anarchism and Revolution**, ed. Martin A. Miller (London: MIT Press, 1970), 293–307.

¹⁹ Kropotkin, **Fields, Factories and Workshops** (1899; London: Thomas Nelson, 1912), 363–409.

²⁰ O itálico é do próprio Kropotkin. Kropotkin, “Co-Operation: A Reply to Herbert Spencer [II],” 1.

²¹ **The Times**, December 9, 1903, 9.

²² Kropotkin, **Mutual Aid**, 300, 275, 279.

²³ John Quail, **The Slow Burning Fuse** (London: Paladin, 1978); Peter Ryley, **Making Another World Possible: Anarchism, Anti-Capitalism and Ecology in Late 19th and Early 20th Century Britain** (New York: Bloomsbury, 2013), 51–55.

²⁴ David DeLeon, **The American as Anarchist: Reflections on Indigenous Radicalism** (Baltimore: John Hopkins, 1978), 65.

²⁵ William Gary Kline, **The Individualist Anarchists: A Critique of Liberalism** (Lanham, Md.: University Press of America, 1987), 57–72

Tucker enfatizou a livre competição como a palavra de ordem da liberdade e viu o monopólio como o principal obstáculo à liberdade social. Em 1888, ele escreveu: “A coisa a ser feita

... [é] desenraizar totalmente a Autoridade e dar pleno domínio ... à Liberdade” e “tornar ... a competição, a antítese do monopólio, universal”²⁶. Não é novidade que Spencer foi uma pedra de toque comum para os individualistas, mesmo que muitas vezes não estivessem certos de sua relação exata com seu pensamento²⁷. Assim, na morte de Spencer, foi notado com aprovação no *Liberty* que muitos jornais estavam “reconhecendo a tendência inconfundivelmente anarquista do ... ensino do filósofo”²⁸. Da mesma forma, Tucker elogiou a “celebrada lei da liberdade igual” de Spencer, mas lamentou que ele não era o “filósofo do *laissez faire* radical que finge ser”, concluindo que os “únicos crentes verdadeiros no *laissez faire* são os anarquistas”²⁹. Victor Yarros estava igualmente dividido. Inicialmente um anarco-comunista antes de avançar para os individualistas, Yarros descreveu Spencer como um autor a quem os anarquistas deviam por sua “argumentação científica e filosófica que apoia sua posição”, e afirmou que sua política com “mas uma consistência um pouco determinada” pode ser anarquista³⁰. No entanto, antes ele havia condenado o insidioso “perigo para a Liberdade” representado pela política “indiferente” de Spencer³¹.

Embora os individualistas possam ter ficado confusos sobre sua relação exata com Spencer, Kropotkin apresentou a política de Tucker como uma extensão da de Spencer e os agrupou para desafiar ambas³². Ao fazer isso, ele baseou-se em sua crítica comunista ao sistema salarial como inerentemente injusto e voltou à sua teoria de que as relações contratuais aceleraram o retorno da autoridade. Ele reprovou “Anarquistas Individualistas, como Tucker” por aceitar Spencer “como ele está, com seu individualismo burguês pela propriedade industrial e sua ‘retribuição’ burguesa”; uma interpretação que Kropotkin sentiu que faltou ao verdadeiro “espírito” da política de Spencer³³. Em outro lugar, ele deu uma precisão da posição individualista, afirmando que Tucker havia adotado a máxima liberal de Spencer de que “os poderes de cada indivíduo deveriam ser limitados pelo exercício dos direitos iguais dos outros”, e acrescentou que “seguindo H. Spencer” ele também viu uma diferença entre “a invasão dos direitos de alguém e a resistência a tal invasão”³⁴. Comprometido com a competição, Tucker insistiu que a proteção “é um serviço, como qualquer outro serviço” e, portanto, uma “mercadoria sujeita à lei de oferta e demanda”³⁵. Ele raciocinou que, em vez de o policiamento privado produzir “tiranos”, esse sistema garantiria a estabilidade³⁶. Com a consciência da “verdade social” do voluntarismo aumentando à medida que o estado desaparecia gradualmente, ele sugeriu que a “proteção policial” agindo mais de acordo com o princípio voluntarista iria, por meio da competição aberta, obter o mais amplo apoio público e, assim, abjurar o derramamento de sangue³⁷. Investigando contra a violência durante a greve de Homestead na Pensilvânia em 1892, Tucker acrescentou que embora suas simpatias fossem com os grevistas, em um futuro estado de “liberdade igual” ele agiria para ver a preservação do acordo livre:

Se ... os trabalhadores interferirem com os direitos de seus empregadores, ou ... usar a força sobre “fura greves” inofensivos, ou ... atacar os vigias de seus empregadores, sejam eles detetives Pinkerton ... ou a milícia estadual, eu juro ... que como um anarquista ... eu serei um dos primeiros a me voluntariar como membro de uma força para reprimir esses perturbadores³⁸.

²⁶ Benj. R. Tucker, “*State Socialism and Anarchism: How far they agree, and wherein they differ*”, *Liberty* 5, no. 16 (March 1888): 2–3 and 6 (2).

²⁷ Ver James J. Martin, *Men Against the State: The Expositors of Individualist Anarchism in America, 1827–1908* (Nova York: Libertarian Book Club, 1957), 235–37.

²⁸ [Sem autor], “*On Picket Duty*”, *Liberty* 14, no. 17 (janeiro de 1904): 1.

²⁹ O itálico é do próprio Tucker. T. [Benjamin Tucker], “*Children Under Anarchy*”, *Liberty* 9, no. 1 (setembro de 1892): 2; T. [Benjamin Tucker], “*The Sin of Herbert Spencer*”, *Liberty* 2, no. 16 (maio de 1884): 4–5 (5).

³⁰ Victor Yarros, “*A Question for the Nationalists*”, *Liberty* 6, no. 18 (julho de 1889): 4.

³¹ Yarros, “*The Bourgeoisie’s Loyal Servants*”, *Liberty* 4, no. 15 (February 1887): 4.

³² Kropotkin, “*‘Anarchism’ from The Encyclopaedia Britannica [1910]*”, em *The Conquest of Bread and Other Writings*, ed. Marshall Shatz (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), 233–47 (244).

³³ Kropotkin, “*Herbert Spencer [VII]*”, 35.

³⁴ Kropotkin, “*Anarchism*”, 244.

³⁵ T. [Benjamin Tucker], “*Contract or Organism, What’s That to Us?*”, *Liberty* 4, no. 26 (July 1887): 4.

³⁶ T. [Benjamin Tucker], “*Competitive Protection*”, *Liberty* 6, no. 5 (October 1888): 4–5 (4).

³⁷ T. [Benjamin Tucker], “*Protection, and Its Relation to Rent*”, *Liberty* 6, no. 6 (October 1888): 4.

³⁸ T. [Benjamin Tucker], “*The Lesson of Homestead*”, *Liberty* 8, no. 48 (July 1892): 2.

Kropotkin não se convenceu. Ele observou que Tucker seguiu Spencer na defesa da violência “para fazer cumprir o dever de manter um acordo”, mas advertiu que esta era uma forma segura de “reconstituir sob o título de ‘defesa’ todas as funções do estado”³⁹. Ele acrescentou em outro lugar que o fracasso de Tucker e Spencer foi não reconhecer que a “função de ‘defesa’ de seus membros mais fracos” foi a justificativa histórica para o surgimento do Estado, e um mandato que ele rapidamente ultrapassou em seu caminho para colonizar a vida social⁴⁰. Mais do que proteger os direitos individuais, Kropotkin argumentou que o estado voltaria a proteger os “monopólios” que a defesa da propriedade de Tucker perpetuaria. Para Kropotkin, Tucker, o arquirrival antimonopolista, acabou por endossar o monopólio futuro⁴¹.

Spencer foi uma presença importante nos debates que buscaram definir o anarquismo no final do século XIX. Tanto Kropotkin quanto Tucker tinham dúvidas sobre sua política e, embora o elogiassem como um crítico incisivo do estado, negaram que suas opiniões políticas fossem anarquistas, apesar das ressonâncias com suas próprias posições. A complexidade desta questão decorre do fato de que Kropotkin e Tucker igualmente negaram que a política do outro fosse anarquista, com base em que, se levada a seus fins lógicos, o pensamento do outro colocaria limites à liberdade social. Para Tucker, Kropotkin negou a “liberdade de produção e troca, a mais importante de todas as liberdades”, enquanto para Kropotkin, o individualismo de Tucker ignorou a base social da individualidade significativa. Além disso, Kropotkin pensava que o modelo de livre acordo de Tucker era basicamente capitalista e levaria à reconstituição do estado que os anarquistas abominavam⁴². Para fortalecer sua crítica aos anarquistas individualistas, Kropotkin combinou suas ideias com as de Spencer – algo a que Tucker teria resistido, dadas suas próprias reservas sobre a política de Spencer. No entanto, na mente de Kropotkin, tanto Tucker quanto Spencer eram culpados de não serem radicais o suficiente em suas tentativas de transformar a sociedade. Ao proclamar a necessidade de uma mudança de longo alcance, ambos os pensadores recorreram aos antigos mitos da “chamada ‘escola de economistas de Manchester’”: o sistema salarial, o acordo livre contratual e o individualismo assertivo. Esta batalha de ideias foi importante para Kropotkin, pois desafiou um tipo particular de individualismo então em ascendência nos círculos anarquistas⁴³. Mais do que isso, porém, deu a Kropotkin a oportunidade de articular uma visão anarco-comunista concorrente das relações sociais que desafiava os valores insidiosos promovidos pelo capitalismo, aparentemente deixados sem contestação por outros pensadores radicais.

³⁹ Kropotkin, “**Anarchism**”, 244.

⁴⁰ Peter Kropotkin, “**Modern Science and Anarchism**” (ed. Rev.), Em **Evolution and Environment**, ed. George Woodcock (Montre’al: Black Rose Books, 1995), 15–107 (85).

⁴¹ Tucker era um oponente específico do monopólio bancário. Ver T. [Benjamin Tucker], “*Monopoly, Communism, and Liberty*”, **Liberty** 4, no. 18 (março de 1887): 4.

⁴² T. [Benjamin Tucker], “*General Walker and the Anarchists*”, **Liberty** 5, no. 8 (November 1887): 4–5 and 8 (5).

⁴³ Kinna, “**Kropotkin’s Theory of Mutual Aid**”, 268.

Conclusão

Herbert Spencer lançou uma longa sombra sobre a vida intelectual britânica no século XIX. Por esta razão apenas, os esforços de Kropotkin para lidar com suas contribuições volumosas para as ciências sociais foram necessários enquanto ele procurava demonstrar que o anarquismo era uma tradição política viável com lições aplicáveis às lutas trabalhistas na Grã-Bretanha. A relação entre Kropotkin e Spencer era mais profunda do que isso, no entanto. A leitura de Kropotkin dos escritos metodológicos de Spencer teve um impacto profundo em sua determinação de colocar o anarquismo em uma base epistemológica sólida. Além disso, ao adotar seus preceitos metodológicos, Kropotkin foi inspirado pela visão de Spencer sobre a heterogeneidade essencial da matéria e, correspondentemente, a crescente complexidade da sociedade. Kropotkin fez disso a pedra angular de sua ontologia, uma interpretação abrangente dos fenômenos que sustentava seu compromisso com as tendências descentralizadoras do anarquismo. A estabilidade social, em sua opinião, era o produto da complexidade e o resultado da equalização temporária de forças perpetuamente em conflito: como os “corpos infinitamente minúsculos que se precipitam através do espaço ... com uma rapidez vertiginosa”, mas equivalem a “harmonia” em “seu todo”¹.

Igualmente influente foi a leitura de Kropotkin do trabalho de Spencer sobre a evolução. Kropotkin foi um discípulo fiel de Darwin, mas sua interpretação foi particular que refletiu argumentos contemporâneos nas ciências biológicas. Sua tentativa de resgatar o darwinismo dos proponentes de um individualismo agressivo está bem documentada, mas os artigos que Kropotkin contribuiu para o *The Nineteenth Century and After* de explorar as divergências entre neo-lamarckianos e neodarwinistas receberam menos atenção. Além de mostrar que ele manteve um compromisso com as ideias lamarckianas que ele discerniu com precisão como também sendo importantes para o próprio trabalho de Darwin, esses artigos demonstram que Kropotkin usou a teoria evolucionária de Spencer para mapear um caminho através dos debates contemporâneos sobre a adaptabilidade das espécies. Em seus confrontos com Weismann, Kropotkin considerou a dissecação do próprio Spencer sobre a teoria biológica alemã um guia instrutivo. Para Kropotkin, uma das principais contribuições de Darwin foi demolir a noção de fixidez nas espécies. O tipo de adaptação direta defendida por Lamarck foi mais uma evidência da maleabilidade essencial da natureza para Kropotkin e mais um eco da ontologia abrangente de mudança no coração de seu sistema. Kropotkin foi, portanto, um pensador social vitoriano característico ao aliar sua política à moda das ciências biológicas, mas isso se baseou em um envolvimento mais profundo com essa pesquisa do que a maioria exibiu.

Spencer foi um pensador seduzido pela flexibilidade das metáforas orgânicas. Mas enquanto seu organicismo possuía uma “virada conservadora”, visto que ver a sociedade como um “produto do crescimento evolutivo” invalidava as tentativas humanas de reordená-la, a política de Kropotkin baseava-se na suposição de que essa reordenação era uma necessidade urgente². No esquema de Kropotkin, o estado era essencialmente parasitário, drenando a vitalidade do organismo social ao longo da história e existindo em uma relação fundamentalmente antagônica com ele³. Foi na esfera política, então, que Kropotkin e Spencer divergiram. Embora ele tenha visto muito mérito na política de Spencer, o real significado do envolvimento de Kropotkin com os escritos políticos de Spencer estava em como ele esclareceu a distinção do anarco-comunismo como uma tradição de pensamento político. De particular importância foi a interpretação de Kropotkin do anarquismo individualista como um irmão intelectual do Spencerismo. Enquanto os individualistas contestavam essa relação, Kropotkin acreditava que tanto Spencer quanto Tucker, sob o pretexto de demolir o estado, reconstituíam suas piores características ao falhar em fugir dos valores capitalistas. Spencer estava, portanto, novamente no centro dos esforços de Kropotkin para

¹ Kropotkin, *Anarchism: Its Philosophy and Ideal*, 3.

² Jones, *Victorian Political Thought*, 76, 78.

³ Para uma declaração clássica sobre isso, consulte Kropotkin, *The State*.

formular uma sociologia anarquista: desta vez não como um modelo acadêmico a ser imitado, mas como um filósofo político que falhou em reconhecer a audácia da mudança exigida. Concluindo seu artigo final sobre Spencer, Kropotkin sugeriu que, embora “não podemos aceitar tudo” que Spencer tinha a dizer, ele tinha “contribuído imensamente para o caráter anarquista da filosofia do século ... nós entramos”⁴. Para Kropotkin, Spencer não estava morto.

University of Victoria.

⁴ Kropotkin, “Herbert Spencer [VII]”, 35.73

Biblioteca Anarquista



Matthew S. Adams
Formulando uma Sociologia Anarquista
Leitura de Piotr Kropotkin de Herbert Spencer
2016

theanarchistlibrary.org

Titulo Original: *Formulating an Anarchist Sociology*. Tradução e Revisão por André Tunes @**Núcleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org